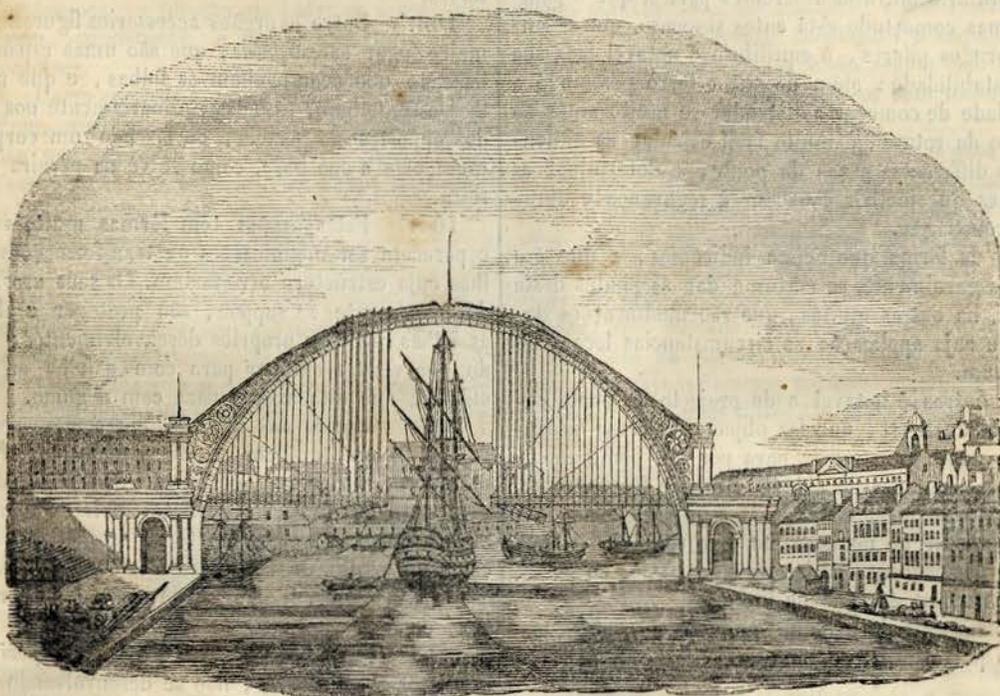


A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.



PONTES PENSIS.

As pontes pensis são uma das mais vantajosas applicações que, no nosso seculo, se tem feito da mechanica. A idéa de construir pontes suspensas sobre os rios ou torrentes que se pretendem atravessar, não é uma idéa nova; os indios e os americanos do interior ha muito usavam lançar de um lado ao outro dos rios cordas, sobre que collocavam pontes ligeiras de madeira, ou a que suspendiam um grande cesto ou canastra, susceptivel de escorregar ao longo das cordas, levando dentro os viajantes.

Na China ha pontes de cadeias de uma grande extensão; o major inglez Rennel descreve uma de 600 pés de comprimento que se acha sobre o Sampoo do Indostão. A primeira ponte construida na Inglaterra

foi a Winch Bridge (ponte de Winch) sobre o rio Tees, em 1741; porém a sua construcção é tal que o viajante sente todo o tremor das cadeias, e se vê balançado sobre um abysmo.

Nos Estados-Unidos fôram depois construidas muitas pontes deste genero; sobre o Merrimack, na Massachusetts ha uma que tem 244 pés de comprimento, e que pode sem alteração suportar um pezo de 500 toneladas.

A construcção mais ordinaria deste genero de pontes consiste em duas cadeias matrizes de uma grande grossura, parallelas entre si, passando por de cima de quatro pilares de pedra ou alvenaria collocados dois de cada lado do rio, e indo prender-se profundamente no sólo; estas cadeias no intervallo dos quatro pilares, isto é, no espaço em que se suspende a ponte,

curvam-se n'uma linha a que os mechanicos dão o nome de *catenaria*. Destas cadeias, pendem outras em posição vertical, que sustentam na sua parte inferior a ponte. E' esta a construcção da ponte pensil que atravessa o Douro proximo ao Porto.

Este genero de pontes tem grande vantagem de estabilidade e duração sobre as pontes de construcção ordinaria, isto é, apoiadas sobre arcos; porque estes sustentam-se pelo ajuntamento de cada uma das suas partes, de modo que o seu equilibrio é de uma natureza precaria, é o que os homens da sciencia chamam *equilibrio instavel*; quando é destruido em qualquer ponto a ruina torna-se inevitavel. No arco formado nas pontes pensis acontece o contrario; ha tambem equilibrio entre as diferentes partes, que o compõem, mas como tudo está antes suspenso, que assentado sobre os pilares, o equilibrio é notavel pela sua muita estabilidade: além do que o ferro possuindo a propriedade de começar a distender-se muito antes do momento da rotura, é muito facil calcular as dimensões das diferentes peças da ponte, e determinar as condições que melhor conveem á segurança e duração da construcção.

Além da forma que acima indicámos, e que é a que mais geralmente se costuma dar ás pontes desta natureza, ha outras muitas, que são modificações daquella, e cuja applicação as circumstancias locais sós determinam.

Entre outras é notavel a do projecto de ponte para o canal de Brest, que faz objecto da nossa estampa. Esta ponte deve servir para pôr em communicação as duas metades da cidade, Brest, e Recouvramé, satisfazendo ao mesmo tempo as seguintes condições:

Não impedir de nenhum modo a rapidez dos movimentos das pequenas embarcações e navios do porto.

Dar passagem ás náus de linha.

E não impedir de nenhum modo as correntes, para que o porto de Brest fique accessivel com todas as marés.

Todas estas condições ficam satisfeitas, como se vê pela estampa, no projecto apresentado pelo engenheiro M. Tristchler.

A ponte estando a 15 metros acima do nivel das aguas deixa passar os navios pequenos, satisfazendo assim a primeira condição.

A curva de suspensão, ou arco de ferro forjado a que a ponte deve ficar suspensa, e que constitue a novidade desta construcção, ficando no seu ponto culminante a 53 metros acima do nivel da agua, deixa passagem ás náus de linha.

Finalmente a ponte ficando apoiada sobre duas construcções de alvenaria, que não excedem a aresta do caes, a terceira condição fica tambem satisfeita.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 7.)

Orgãos accessorios.

102.º Mencionaremos apenas estes orgãos; porque existindo sómente em algumas plantas, e não sendo indispensaveis á sua nutrição, como aquelles que acabamos de descrever, apenas concorrem accidentalmente para ella, sendo por este motivo denominados *accessorios*.

103.º Entre os orgãos accessorios figuram em primeiro logar as *estipulas*, que são umas expansões foliaceas, que acompanham as folhas, e que muito se lhes assemelham, situadas ordinariamente nos dois lados oppostos do peciolo, ou fazendo um corpo commum com a sua base, como se vê na pereira e na roseira.

104.º Estes orgãos tem fôrmas muito variadas, e parecem ser modificações ou transformações das folhas cuja estrutura arremedam. Os seus usos, segundo geralmente se suppõe, são proteger e alimentar as folhas nos seus proprios desenvolvimentos; de modo que vem a exercer para com a folha os mesmos officios, que esta exerce para com o gomo.

105.º Depois das estipulas apresentam-se as *gavinhas* (a que tambem se dá o nome de *cirros* ou *mãos*) que são orgãos abortados e filamentosos de origem diversa, em fôrma de filetes mais ou menos herbaceos que se enrolam em torno dos corpos vizinhos, e servem assim de sustentar o caule das plantas fracas e trepadoras. Como se vê na videira, na ervilha, &c.

106.º Estes orgãos são umas vezes os *peciolos* das folhas, que abortaram, não se desenvolvendo senão a sua nervura mediana, como se vê na ervilha; outras vezes são os *peduncululos* ou pés das flores, que tendo do mesmo modo abortado, se alongam em fôrma de filete, como se vê na videira, cujas gavinhas são evidentemente o eixo do cacho, que se suspendera na sua desenvolução, deixando de ramificar-se.

107.º Apresentam-se finalmente entre os orgãos degenerados os *aculeos* e os *espinhos*, ou essas excrescencias agudas, lenhosas, e aceradas, que se notam no caule e nos ramos de certas plantas, como se vê na lorangeira, e na silva.

108.º Os aculeos nascem da casca, e os espinhos do lenho das plantas; é por isso que os primeiros se destacam facilmente como na roseira; e os segundos com grande difficuldade como na pereira, e no limoeiro.

109.º As funcções destes ultimos orgãos são ainda um ponto obscuro da vida vegetal; mas tudo induz a crer

que são órgãos absorventes da humidade atmospherica, e uma especie de conductores do fluido electrico, que é um dos principaes agentes do organismo e da vida das plantas.

Órgãos da reproducção.

110.º Os *órgãos da reproducção* são aquelles, que a natureza destinára á conservação da especie, e á propagação das raças.

111.º Os órgãos da nutrição, que acabamos de descrever, são encarregados da conservação dos individuos; em quanto os da reproducção de cujo estudo vamos occupar-nos, são destinados a continuar a vida da especie, ou a ligar por um laço continuo, na successão dos tempos, a filiação de todos os seres, que constituiram, constituem, e hão-de constituir as especies vegetaes.

112.º Como os seres vivos, a que chamamos plantas, nascem, crescem, envelhecem, e depois morrem, é evidente que se nelles não existissem órgãos destinados á propagação das especies, ou órgãos reproductores, o reino vegetal teria desaparecido pouco depois da criação das especies primitivas; e com elle o reino animal — porque, como se sabe, a existencia dos animaes está indissolvelmente ligada á das plantas, visto serem estas as que lhes subministram as principaes substancias nutritivas.

113.º Os órgãos reproductores tem por fim a formação de germes, que desenvolvendo-se devem produzir novos individuos.

114.º Estes germes, a que se dá o nome de *embriões* encontram-se formados dentro das sementes, assim como estas se encontram dentro dos fructos — tomam uma vagem do feijoeiro ou da fava ordinaria, que é fructo destas plantas, abri-a, e encontrareis dentro della as sementes — abri ainda as sementes, e bem no meio dellas encontrareis uma *plantazinha* rudimentar, onde se nota inferiormente uma *radicula* que é o esboço da raiz, na parte media um caulezinho ou *cauliculo* que é o esboço do caule, e superiormente um gomozinho ou *gemma* que é tambem o esboço da primeira *gemma* terminal, donde hão-de provir todas as da planta. O que tendes diante dos olhos é por tanto uma planta em miniatura, e é o que se chama *embrião*.

115.º Ora toda a funcção da reproducção tem por fim a formação destes embriões, ou das sementes, que os encerram; mas como as sementes (que são os ovos vegetaes) provém dos fructos, e estes das flores; segue-se que a flor é o verdadeiro, e em rigor o unico e essencial órgão de reproducção.

116.º Mas seguindo o exemplo da maior parte dos botanicos nós tractaremos separadamente dos órgãos da florescencia e da fructificação, isto é da flor, e do fructo, que se pôdem tambem considerar como os dois órgãos da reproducção.

Flor.

117.º A *flor* é o aggregado dos órgãos sexuaes da planta reunidos n'um sustentaculo commum, e rodeados ordinariamente por involucros exteriores, formados por pequenas folhinhas, ou expansões foliaceas de textura, côr, e fórma diversas. A flor é por tanto um aparelho organico destinado á reproducção dos vegetaes.

118.º Encerrão-se dentro das flores ou dentro destes brilhantes aparelhos, que são o mais bello e gracioso ornamento das plantas, os órgãos sexuaes, que presidem ao phenomeno da *fecundação*.

119.º Este misterioso phenomeno tem lugar tanto nas plantas como nos animaes; e é em virtude d'elle, que os seres vivos, recebendo o impulso vital, desenvolvem dentro de si, e em órgãos especiaes, os germes destinados a reproduzil-os com todas as suas fórmas, e propriedades.

120.º Ha effectivamente na flor *órgãos sexuaes masculinos e femininos*; os primeiros segregam e preparam o *pó fecundante*; os segundos os *ovulos*, ou *ovinhos* que devem ser fecundados. Estes órgãos, cuja importancia é tão grande para a propagação das especies, são protegidos por folhinhas diversamente modificadas, que nascendo em torno delles os resguardam e defendem na sua mocidade, e até os acompanham muitas vezes nos diversos periodos do seu desenvolvimento. Destas folhinhas umas são mais exteriores e ordinariamente verdes, e constituem o *calix*; outras são mais internas e coradas e constituem a *corolla*.

121.º Para fazermos conhecer todas as partes componentes da flor tomaremos uma rosa selvagem meia aberta, e observaremos successivamente os diversos órgãos, que ella nos apresenta.

122.º A primeira cousa que se observa nesta flor simples dos campos é um involucro exterior, que se compõe de cinco folhinhas verdes (chamadas *foliolos* ou *sepalas*) dispostas circularmente e reunidas pela parte inferior para formarem um corpo oval ou esferico — este primeiro involucro da flor é o *calix* — no lugar onde as folhas do calix começam a reunir-se nascem outras cinco folhinhas coradas e odoríferas, que se multiplicam consideravelmente na rosa cultivada, a que se dá o nome de *petalas* — este segundo involucro da flor é o *corolla* — pela parte interior da corolla vemos um grande numero de corpos filiformes graciosamente recurvados, e sustentando cada um uma cabecinha amarella — estes corpos são os *estames* — ultimamente, se abrimos no sentido do seu comprimento esse pequeno corpo esferico formado interiormente pelos cinco foliolos do calix, veremos uma cavidade bojuda, que termina superiormente n'uma apertada garganta, e que encerra corpos, que se unem ás suas paredes interiores, e que as vão costeando até se reunirem superiormente n'uma especie de feixe, que

ocupa o centro da flor — estes corpos formão o *pistillo*.

123.º Vê-se por tanto que a flor da rosa é composta de quatro partes, a saber, o *calix*, ou o *involucro verde mais exterior da flor*: a *corolla* ou o *involucro diversamente corado que formado de varias peças se encontra logo depois do calix*: os *estames* ou os *orgãos sexuaes masculinos que são esses corpos filiformes terminados por umas cabecinhas amarellas, que preparam um pó subtil e fecundante a que se dá o nome de polen*: e ultimamente o *pistillo* ou o *orgão sexual feminino que encerra na sua cavidade inferior ou no ovario os ovulos, que fecundados pelo pollen se desenvolvem rapidamente e se transformam em sementes*.

124.º Mas para melhor observarmos estes diversos orgãos da flor, e para conhecermos as partes de que cada um delles se compõe, examinemos ainda outra planta, que nol-os apresente mais distinctos e evidentes. E sirvamo-nos para este fim da flor do *goiveiro amarello*.

125.º Nós veremos no centro desta flor um pequeno corpo alongado, e um pouco comprimido de diante para traz; este corpo é o *pistillo*, que se compõe de tres partes, a saber, uma inferior, que é o *ovario*; outra media que é o *estilete* (que falta em muitas plantas), e outra superior que é o *stigma*. O ovario apresenta interiormente duas cavidades, que encerram uns corpozinhos arredondados, a que se dá o nome de *ovulos*, como se pode vêr fendendo-o longitudinalmente; o *estilete* apresenta a fórma de um corpo filiforme, que serve de communicar o estigma com o ovario — o *estigma* finalmente apresenta a fórma de um pequeno corpo um pouco dilatado, viscoso, e glandular, e proprio para receber o pó fecundante das antheras.

126.º Pela parte exterior do pistillo e em torno delle nós achamos seis orgãos da mesma fórma e da mesma estrutura, compostos cada um delles de uma parte inferior filiforme, que sustenta uma pequenina bolsa oval, de duas repartições ou cellulas, cheias de um pó amarellado.

127.º Pela sua posição e estrutura facilmente conheceremos que estes corpos são os estames ou os orgãos sexuaes masculinos, que se compõem tambem de tres partes. E na verdade a parte inferior ou filiforme é o *filete*; a parte superior em fórma de bolsa é a *anthera*; e o pó quasi impalpavel que ella encerra é o *pollen*, que cahindo sobre o estigma, passa dahi ao ovario, e fecunda os ovulos transformando-os em sementes.

128.º Continuando o nosso exame da flor do goiveiro, vêmos ainda que pela parte exterior dos orgãos masculinos se nos apresentam oito apêndices membranosos dispostos em duas series, quatro mais interiores, e quatro occupando a parte externa da flor. Os quatro interiores maiores, amarellados e inteiramente semelhantes entre si constituem um só e o mesmo or-

gão que a *corolla*, que neste caso é composta de quatro peças distinctas ou *petalas*. Os quatro mais externos, mais pequenos e verdes constituem outro orgão, o *calix*, que vem tambem neste caso a ser composto de quatro peças a que chamamos *sepalas*.

129.º São estas pois as partes componentes de uma flôr *completa*; mas em certos casos faltam alguma ou algumas destas partes; e a flôr tem então o nome de *incompleta*. E na verdade umas vezes falta o calix como acontece na tulipa; outras vezes o calix e a corolla, e então a flôr é destituida de involucros protectores e tem o nome de *nua*, como se vê no *salgueiro*; outras vezes finalmente falta, ou o orgão sexual masculino, ou o femenino, existindo estes dois orgãos em flôres separadas, que se denominam então *unisexuaes*. Estas flôres podem ainda existir ou na mesma planta, como se vê no *maiz* cujos orgãos masculinos se acham na parte superior, no que vulgarmente se chama *bandeira*, e os femeninos inferiormente no que se chama *maçaroca*; ou em plantas diversas como se vê na palmeira.

130.º A fecundação das plantas, cujas flôres encerram ambos os sexos, e que por isso se chamam *hermaphroditas*, deve ser muito mais facil e natural do que a das plantas, cujas flôres apenas contem um dos sexos, e que por isso se denominam *unisexuaes*. Nas primeiras o pollen cabe muito facilmente sobre o estigma do pistillo, e deve fecundal-o com a mesma facilidade. Nas segundas esta operação torna-se um pouco mais difficil; e é necessario que os ventos, ou os insectos sejam os portadores deste mesmo pollen, e o conduzam desde a flôr masculina até á feminina, de modo que a funcção vem a ficar sujeita a eventualidades, que não podem deixar de a tornar mais precaria. Todavia foram tantas e tão bem calculadas as previsões da natureza, que raras vezes a fecundação deixa de ter logar nas plantas unisexuaes.

131.º As flôres nascem em geral ou na axilla das folhas, ou na dos *brae'cas*, que são essas pequenas folhas, que se encontram nos ramos floraes, e que foram suspendidas no seu desenvolvimento pelo esgotamento dos mesmos ramos.

132.º As flôres são sustentadas por um pé ou ramo curto, que tem o nome de *pedunculo*: este ramo falta raras vezes, mas quando não existe as flôres tem o nome de *rentes*.

133.º O pedunculo é uma ramificação do caule, e provem, assim como a flôr, de uma gemma floral: é na extremidade do pedunculo, que se inserem os diversos orgãos da flôr, e o ponto onde se faz esta inserção chama-se *receptaculo*.

134.º A flôr que provem de uma gemma fica assimilando-se a ella por analogias muito evidentes: ella não é em verdade mais do que um renovo, cujo eixo não se allongou consideravelmente, e cujos orgãos apêndiculares soffreram uma transformação mui-

to notavel desviando-se successivamente do seu typo originario, a folha.

135.º A primeira vista parece paradoxal a idéa de assemelhar a flôr a um gomo, e as quatro partes que a formam a folhas; todavia (st) opinião é verdadeira, e repousa sobre a observação attenta dos factos; e na verdade se observamos os involucros floraes, isto é, o calix e a corolla nas primeiras ephas do desenvolvimento da flôr, reconhecemos que os foliolos, que os constituem, são pequenas folhinhas em tudo semelhantes ás que nos apresentam os gomos; e os proprios órgãos sexuaes não são mais do que folhas diversamente modificadas. Não é possível dar aqui desenvolvimento a esta verdade, mas é facil reconhecer a sua exactidão, observando como os órgãos da flôr se vão successivamente modificando por transformações quasi insensíveis desde o foliolo do calix até ao pistillo n'um grande numero de flôres, por exemplo, no *gol-fão branco*.

136.º As diversissimas modificações de forma, de posição, de numero, de proporção que apresentam o calix, a corolla, os estames e os pistillos da flôr não podem ser aqui apresentadas, porque nos desviariam muito do nosso objecto.

137.º As peças que concorrem á formação destes órgãos podem encontrar-se livres e separadas, ou soldadas e reunidas umas ás outras — assim as sepalas ou se soldam muitas vezes para formarem um calix de uma só peça, como se vê no *cravo*; ou se acham livres e distinctas, como se vê no *goiveiro* — as petalas são do mesmo modo umas vezes livres como na rosa, outras vezes soldadas como no tabaco; e finalmente os estames e os pistillos tambem se encontram umas vezes livres, outras vezes soldados.

138.º As diversas e variadas modificações dos órgãos sexuaes merecem ser attentamente estudadas por apresentarem excellentes caracteres para a classificação das plantas. O systema sexual de *Linneo*, que é de tanto auxilio aos que querem estudar a botanica, funda-se nas importantes modificações daquelles órgãos. É assim que as vinte e quatro classes daquelle engenhoso systema são estabelecidas 1.º sobre o numero dos estames (são a 14.ª, e a 15.ª) 2.º sobre a sua proporção respectiva (são a 14.ª, e a 15.ª) 3.º sobre a sua reunião pelos filetes (são a 16.ª, 17.ª, e 18.ª) 4.º sobre a sua reunião pelas antheras (é a 19.ª) 5.º sobre a sua soldadura com o pistillo (é a 20.ª) 6.º sobre a separação dos sexos (é a 21.ª, 22.ª, 23.ª) 7.º finalmente sobre a ausencia real ou presumida dos órgãos sexuaes (é a 24.ª). (Continúa.)

A NATUREZA.

O SOL.

O SOL é um rei da natureza; a sua luz é a vida, o seu poder subjugua as outras esfêras, que giram

em roda delle, e se curvam em eternas circunvoluções sem nunca se poderem affastar do seu senhor.

Para os homens o sol é uma divindade; os selvagens adoram-no no cimo das montanhas. Os povos antigos viam nelle um dos seus deuses: os Indios chamavam ao Deus do Sol o casto Surya, e julgavam que sete soberbos corceis verdes arrastavam o seu carro, guiado por Aarona, através dos céus: os gregos herdaram esta tradiçcão: a Surya chamaram-lhe Phebo; Aarona denominaram-na Aurora.

A natureza está triste; pezados vapôres lhe carregam a fronte; as flores, fechadas as corollas, pendem melancolicas, as *mimosas* deixam cahir ao longo do tronco as folhas inertes; calam-se as aves nos ramos, os animaes escondem-se nas tocas sombrias; o somno serra as palpebras do homem:

O sol scintilla:

Traz n'uma nuvem d'ouro a fronte envolta;
A nuvem se rasgou, mostra-se o mundo.
No firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa; ao longe os globos
Formam em torno delle o giro eterno,
Que incessante produz a opposta força.
O sol os chama a si, do sol se apartam,
E assim descrevem regulares curvas.

Tudo se transforma, tudo muda na natureza, apenas abriu

As rosadas janellas d'Oriente
A branca aurora ao louro amigo seu!
.....
.....

Por todos estes valles se alegrou,
Toda ave, toda fera, e toda flor
De si suave cheiro derramou.

O sol é um immenso globo luminoso, um milhão e trezentas mil vezes maior do que a terra, que se acha apartado de nós trinta e quatro milhões de leguas, e que caminha pelos espaços, arrastando a terra e os outros planetas no seu lento curso para a constellação de Hercules.

O sol não é todo egualmente luminoso: visto ao telescopio podem notar-se na sua superficie manchas obscuras, de fórmias muito variadas; a observação dos movimentos dessas manchas faz conhecer que aquelle astro gira sobre si mesmo, dando uma volta completa proxivamente em vinte cinco dias. A direcção deste movimento de rotação do sol é a mesma que a do movimento da terra, que gira tambem, como sabemos, em torno de um eixo.

Subamos a essa esfera ardente, que nos parece suspensa á abobeda do céu, como uma lampada colossal, e vejamos de perto a sua conformação; estudemos a natureza dessa luz, que nos deslunbra e espanta.

Será o sol um globo de fogo? Não: o sol é um globo solido, opaco, não inflamado, como a terra; como esta, aquelle orbe póde ser habitado, póde ser ornado das mais formosas gallas da vegetação.

O sol é formado de um globo central quasi obscuro, envolto de uma atmosphéra carregada de uma immensa camada de nuvens que o envolvem por toda a parte: é por cima destas nuvens que se estende, como um manto de luz, uma esfera resplandecente, cuja irradiação allumia a terra e os planetas, vivifica e orna o espaço, e é a causa de se nos figurar o sol como se fôra um orbe de chammas. Por sobre esta esfera parece existir ainda uma outra atmosphéra tambem carregada de nuvens obscuras, como a de que já fallámos; porém esta não a podemos nós vêr da terra, senão quando o disco do sol está de todo encuberto por algum corpo estranho, como veremos que acontece quando se dá um eclipse total.

A esfera luminosa não é continua; sendo de uma natureza gazosa como o ar (o que se prova por observações delicadas e de uma grande exactidão feitas sobre a luz que ella emite) por vezes rompe-se em diversos pontos, deixando na superficie do sol as manchas tenebrosas que serviram para determinar o seu movimento, e pondo a descoberto a atmosphéra interior; quando uma rotura nas nuvens desta atmosphéra corresponde á abertura da esfera luminosa então podemos perceber o orbe central e solido: por vezes tambem o gaz luminoso, como o már agitado por uma violenta tempestade, alevanta-se, concentra-se em traços de um fogo intensissimo, que se cruzam nas proximidades do equador do astro; a estas faxas ardentes chamam os astrónomos *faculas*.

Herschel suppõe que a atmosphéra interior do sol, é como uma cortina que a natureza lançou entre a esfera luminosa, e o *nucleo* escuro e solido, para pôr este ao abrigo do calôr e da luz excessiva; de modo que este *nucleo* pode, segundo elle, ser habitado. O Dr. Elliot diz nas suas obras que «A vegetação deve apparecer alli tão bella como entre nós. Deve haver alli már e continentes, montes e valles, tempo chuvoso e tempo bello; a luz porém, como a estação, deve ser eterna. Por consequente, é facil conceber que alli se deve encontrar uma habitação incomparavelmente mais feliz do que as outras todas do nosso systema.»

O sol é o rei da criação; a sua presença lança a vida e a alegria nos orbes que giram em torno d'elle, e que só d'elle recebem o calôr que os anima, a luz que os torna formosos. As vezes porém a sua face se cobre de lucto, a sua luz se esconde de todo, como se o mundo fosse de novo cahir no cãos: então a natureza inteira se aterra, se gella, treme de pavôr. Nas Indias orientaes quando tem logar um tão extraordinario phenomeno, crê-se que um terrivel dragão estende as garras negras sobre os astros: então os rios e os lagos se cobrem de cabeças de indios,

que se escondem na agua até ao pescoço, por ser postura muito devota, segundo elles; julgando assim poderem obter do sol e da lua que os defendam contra o dragão medonho.

Quando o sol se encobre assim aos olhos dos homens, é porque a lua, esfera opaca e sem luz propria, que gira em torno da terra, se interpõe entre nós e elle, interceptando assim os seus raios luminosos, como a mão intercepta os raios de uma luz, interpondo-se entre esta e o olho. E' isto que se denomina um *eclipse*.

O eclipse do sol póde ser *parcial*, *total*, *annellar*, e *central*: quando a lua esconde apenas uma parte do disco do sol, o eclipse é *parcial*; quando cobre o sol todo, é *total*; quando em roda da lua fica a descoberto um frizo do sol, que tem a forma de um anel, chama-se o eclipse *annellar*; em fim, quando o observador está no prolongamento da linha que une os centros da lua e do sol, chama-se *central*.

O eclipse total é o que apresenta phenomenos mais espantosos e dignos de conhecer-se.

Quando a lua, cobrindo pouco a pouco o disco do sol, chega a occultar-lhe a maior parte, a ponto de se lhe perceber apenas uma porção semelhante a uma lua nova, então os objectos começam a mudar de côr e de aspecto: a luz torna-se amarelada, e vae depois passando pouco a pouco a um azul livido; os homens tomam o aspecto de cadaveres; as variegadas côres e matizes deliciosos dos campos perdem-se n'uma tinta palida e esverdeada que cobre tudo como um véu funebre e terrivel.

No momento em que os ultimos raios luminosos do astro da luz se vão occultar, nota-se uma ondulação no ar na direcção do vento; sombras e manchas luminosas parecem correr sobre os objectos, ora conservando-se brancas como a luz do sol, ora mudando para o vermelho, o amarello, e o azul: parece que tudo se agita e treme como se fôra precipitar-se em terra. Este phenomeno é attribuido ás variações de densidade das differentes camadas de ar, que a fraca luz dos ultimos raios do sol atravessa; variações de densidade que devem, segundo as leis da optica, mudar-lhe continuamente a direcção.

Quando o eclipse é completo, ou quasi completo, isto é, quando o sol está perfectamente incuberto; apparecem em roda da lua dois anneis luminosos, de um bellissimo aspecto; o mais interior, claro e distincto; e o outro de uma luz palida que se vae pouco a pouco esvaecendo no escuro do céu: destes anneis partem duas expansões luminosas muito extensas, que tomam formas variadas, e muitas vezes parecem formadas por uma reunião de fios intrelaçados, que alguns astrónomos comparam a uma meada embaraçada. A luz desta corôa luminosa apresenta bastante intensidade, e parece dotada de um movimento rapido, como as rodas de um fogo de artificio.

Notam-se tambem, alevantadas sobre a circumfe-

rencia do disco obscuro da lua protuberancias em menor ou maior numero, que conservam uma forma fixa, e apresentam uma côr rozada, e por vezes afogueada, com alguns toques de um azul esverdeado. Um observador do eclipse de 1842, Mr. Mauvais, conta do seguinte modo o que vio relativamente ás protuberancias singulares de que acabamos de dar noticia. « Alguns segundos depois do começo do eclipse total, quando eu procurava medir a largura da côr luminosa (os dois aneis,) vi apparecer no bordo inferior da lua, um ponto vermelho que não parecia ainda formar uma saliencia sensivel. 56 segundos depois do eclipse total, o ponto avermelhado de que acabo de fallar transformou-se em duas protuberancias que semelhavam duas montanhas contiguas, d'um vermelho violaceo, perfeitamente bem terminadas no seu contorno. Não eram de um colorido uniforme. Viam-se nos seus lados traços mais escuros. Não posso dar melhor idéa do seu aspecto, do que comparando-as aos cimos dos Alpes, allumiados pelo sol posto, e vistos de muito longe. 1 minuto e 10 segundos depois do eclipse total, viu-se uma terceira montanha á esquerda das duas primeiras; esta offerecia o mesmo aspecto quanto ao colorido. Era cercada de alguns monticulos mais pequenos, todos de forma deslinada.

« Durante a sahida desta terceira montanha, as duas primeiras não cessaram de crescer, &c.»

Póde fazer-se uma idéa exacta da lua obscura, cercada destas protuberancias, que parecem, segundo a expressão de outro astrónomo, *rochedos de cristal incandescentes*, comparando-a a uma caixa de ebano crivada em roda de um circulo de rubis.

Visto do cimo de um monte, d'onde os olhos se possam estender por um vasto horizonte, o eclipse total é um espectáculo ao mesmo tempo magnifico e terrível, a natureza parece cuberta de um crepe funebre que, prendendo aos aneis que cercam a lua, se estende por toda a abobada celeste, até ao horizonte, onde uma orla de céu mais claro semelha ás franjas deste vasto docél.

E' tão medonho, tão extraordinario o espectáculo, que o coração do homem se sente opprimido de o vêr; as lividas trevas fazem horror, que uma alegria indizível vem transformar, quando de novo apparecem os primeiros raios de sol, rompendo o espaço, como um relampago. Os animaes tremem tambem, e correm a esconder-se quando vêem cahir subitamente uma noite inexperada, os bois param nos trabalhos do campo, as aves domesticas abrigam medrosas com as azas os tenros filhinhos, as ayes da noite piam e esvoaçam

como se fôra chegada a hora funebre das suas festas nocturnas, os cães uivam os seus lamentos doloridos, os passaros caem dos ares como feridos pelo caçador.

Para o homem que tem estudado os segredos da natureza é este fenomeno uma cousa simples, de facilissima explicação, e que não póde, não deve causar terror a ninguem: é um astro que passa por diante de outro astro, e que intercepta os seus raios luminosos, e nada mais.

Que grandeza com tudo se esconde nesta simplicidade! E' um acontecimento simples, este que se passa no céu por occasião de um eclipse, mas é representado por duas esféras, de que uma é um milhão e trezentas mil vezes maior do que a terra, e a outra (a lua) teem um diametro que é a quarta parte do deste planeta! E' um fenomeno simples; mas que resulta da acção atractiva de muitos mundos uns para os outros, acção que dá origem a grande numero de alterações nos movimentos, de oscilações e variações de direcção, que se repetem periodicamente de muitos em muitos seculos! Essas leis, essas alterações multiplas, esse tecido confuso de linhas, que os astros descrevem na abobada celeste, são cousas que o homem conhece, que elle póde avaliar, por meio das mathematicas, a ponto de ter meios para predizer com exactidão a epoca em que cada acontecimento deve ter lugar no espaço.

Poucos estudos ha mais proprios para elevar o homem na sua propria opinião do que a Astronomia; e ao mesmo tempo nada demonstra melhor a pequenez do homem, o logar imperceptivel que compete á humanidade no meio da infinidade das eousas creadas. Quando reflectimos nas descobertas, feitas por nós em tão remotas esféras, parece-nos que somos *quasi-divindades*, destinadas a penetrar os segredos do Eterno. Quando pelo contrario consideramos quanto é insignificante a creatura humana que se arrasta sobre a terra, que é ella mesma um ponto no espaço, perdemos todo o convencimento da nossa dignidade e da nossa importancia.

Quando o discurso humano

Se põe da natureza

A medir a fraqueza,

Pasma, esmorece e perde a confiança:

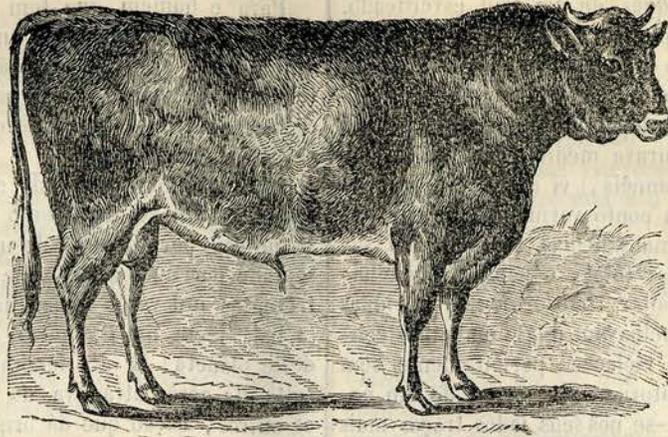
Mas se do Eterno o braço soberano

Em seu desmaio a contemplar se avança,

Vê em torno brotar alta esperança;

E qual o Sião monte,

Seguro entre as procellas alça a fronte.



BOIS DE ALDERNEY.

A BOA escolha do gado, o aperfeiçoamento das raças, e a abundancia de cabeças n'um estabelecimento agricola é a melhor base da prosperidade do lavrador. Entre o gado, o que tem mais importancia é o bovino; com este tem o agricultor segura a riqueza nos seus campos, a fartura na sua casa: este gado subministra-lhe o estrume para fertilisar as terras; a força para mover o arado e os outros instrumentos agrícolas, o leite para a fabricação da manteiga, dos queijos, e para o consumo domestico, e finalmente a carne para elle vender no açougue.

Com uma despeza igual na nutrição do gado, obtêm-se productos muito diversos, segundo as qualidades da raça de que é formada a manada do lavrador. O sustento que chega a uma vaca para dar duas canadas de leite, não basta a outra para dar uma; as forragens que bastam para engordar um boi, não chegam ás vezes para nutrir outro.

Escolher pois os individuos que gozam de boas qualidades, unil-os, oruzal-os entre si, e crear assim novas raças, deve ser um dos maiores empenhos não só dos lavradores de uma nação, mas de todo o governo que souber comprehender que governar não é só conservar, mas tambem aperfeiçoar e crear.

A criação de raças novas, que tem sido o empenho dos agricultores nas outras nações, tem entre nós sido uma cousa inteiramente desprezada, ou antes quasi completamente ignorada a possibilidade de se alcançar tal resultado: não tem succedido o mesmo em Inglaterra, onde isto tem merecido especial cuidado.

Os inglezes dividem as suas raças bovinas em tres classes: raças de *pontas longas*, raças de *pontas curtas*, e raças *sem pontas*: e estas ainda as subdividem em raças das *montanhas*, e raças das *planicies*.

Entre as raças de *pontas longas* deve distinguir-se

as de Herefordshire e as de Devonshire, que são notaveis pela facilidade que tem em engordar, e pela bondade do leite das vacas, que é com tudo pouco abundante. A raça de Dishley, que é bastante estimada, é uma modificação tambem dos bois de *pontas longas*, feita por Bakewell, celebre agricultor inglez que, por um processo que lhe era particular, aperfeiçoou as raças de todos os animaes que a agricultura emprega, enriquecendo assim o seu paiz com um thesouro inapreciavel.

As raças de *pontas curtas* tem na Inglaterra a denominação generica de raças de Hollanda; entre estas as mais notaveis são as de York e de Durham; mas sobre tudo esta ultima é muito estimada, pela fórma compacta do corpo, pela finura da pelle e macio do pello, pela excellencia da sua carne, e sobre tudo pela riqueza e abundancia do leite das vacas.

O boi que faz o objecto da nossa estampa não pertence a nenhuma das raças de que temos fallado, mas é uma das divisões das de *pontas curtas*. É uma raça que se desenvolve nas ilhas do canal, e de que os individuos mais perfeitos vivem na ilha de Jersey, onde formam a riqueza principal dos habitantes: exporta-se muito deste gado para Inglaterra, mas não se permite a importação em Jersey de nenhum gado estrangeiro para que a raça se não perca. O merecimento principal desta raça, denominada *de Alderney*, é a bondade do seu leite, que não é com tudo tão abundante como o de outras raças inglezas: ainda que não possuindo muitas das propriedades que servem para avaliar os bois *de engordar*, esta raça é das mais ricas em carne.

Nas cercanias de Lisboa ha algumas vacas, mui poucas, desta raça, mandadas vir pelo ministro de Inglaterra, e depois vendidas em leilão aos lavradores. Seria conveniente utilizar esta circumstancia, para fazer alguns cruzamentos com os nossos melhores touros.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A ESCHOLA MODERNA LITTERARIA.

II

O SR. GARRETT.

BOCAGE fez a poesia plebea collocando o seu throno entre o povo; dahi á liberdade litteraria distava um passo. Este, o ultimo, o mais difficil não podia ser delle, nem de nenhum dos discipulos da sua eschola.

As revoluções litterarias, reflexo das sociaes, não se inventam; todos as fazem ou as sentem; porque se completam pela voz e esforço do maior numero. Pelejam-se com as armas da intelligencia, e com mais ardor de odios e de antipathias ás vezes, do que as politicas. Nenhuma se operou ainda senão pelo combate de graves cogitações, e pelo victorioso impulso de uma doutrina racional acceita e applaudida. Bocage e a sua pleiada nunca meditaram sobre a arte, dissecando a fórma, e analysando o espirito das litteraturas; não eram do seu tempo taes discussões. Poetas-trovadores saudavam em canticos espontaneos a rosa que abria aos seus pés, a tradição que lhe esfolhava uma memoria, o amor ou o affecto, que primeiro se apossava delles. Amavam na arte a inspiração, e no engenho o estro; — aves melodiosas todo o ramo lhes era igual para se pousarem; em toda a parte afinavam as suas cantigas.

A eschola de Elmano vacila entre o respeito ás regras fundadas na auctoridade da Arcadia, e a reacção innata da espontanea vocação. Cantar os bosques de Gnido, as delicias de Cypre, e a Venus Idalia, arredondar odes pindaricas, sonetos, e dithyrambos, ou assoprar enchames de glosas, de colcheas, e de eclogas para zumbirem como vespas no rebanho poetico dos outeiros, para ella era o mesmo triumpho, e resumia deleite igual, do que trocar a lyra pelo alaude, e n'uma tristeza meiga chorar os amores de Ignez, ou carpir o extremo adeus de Hero.

Quando a revolução parte do povo, a fórma completa, em que se incarna, é sempre a mais burgesa, a mais familiar de todas, o drama. Na tragedia da arte classica admira-se a graça, e a pureza de linhas da estatuaria. O drama filho do novo estado estuda a vida no mundo; procura-a no comico, ou no tragico; na paixão ou no vicio; no rizo ou nas lagrimas. O drama retrata o povo, como o povo é; « está em tudo, diz tudo, e póde tudo. »

Bocage e os seus imitadores no theatro fôram cecos, e nunca creadores. A Vestal, a Zulmira, e tan-

tas outras copias ou traducções, brilhavam por muito verso terso, com muitas frases eloquentes, porém não adiantavam mais do que o Garção, o poeta da Arcadia, e Manuel de Figueiredo o infatigavel inventor dramatico. A Magica, e a Farça tão portuguezas, unico espelho do gosto e dos costumes nacionaes, iam passando entre tanto nos braços do povo, por meio da amaneirada Tragedia de cothurno, como protesto vivo da arte natal contra a arte estranha e parasita.

A eschola Bocagiana, pois, só preparou metade da revolução litteraria; mas não soube fazel-a nacional. Francisco Manuel, o bom velho do nosso Philinto, poeta tão romano em desejos e intenções, foi o que deu o baptismo da nacionalidade á Musa já plebeia de Elmano. Aos seus escriptos, ás suas criticas, ao lavor incançavel do seu engenho, se deve a condemnação completa das tradições da Arcadia.

Philinto não foi grande genio creador; era um talento sincero e justo, que estremecia a patria, e adorava como suas as glorias que a enobrecem. Amigo de Horacio desde a infancia, poucos conversaram melhor com o jovial satyrico; possuindo todos os segredos da pura latinidade deu á sua prosa e ao seu verso o sabor romano da idade aurea de Augusto. Com tudo este gosto pelo classico não o cegou de mais; e a penna que nos faz intimos com a poesia latina mais correcta concede á Pharsalia de Lucano a versão accurada de alguns cantos. O classico severo não condemnou sem a ouvir a Musa moderna; pelo contrario acolheu-a com favor; como os Patriarchas Hebreus abriu-lhe as portas da casa paterna, e honrou-a com os mimos da boa hospedagem. A traducção dos Martyres de Chateaubriand, e a imitação do Oberon de Wieland são passaportes dados á poesia romantica pelo mais austero conservador classico.

Franciseo Manuel tinha versado os melhores escriptores portuguezes com mão diurna, e era louco pela graça castigada da lingua vernacula. Esta foi sempre a dama dos seus pensamentos; e á força de a idolatrar veiu quasi a cahir no delirio de D. Quixote. Justando com bizzarria para lhe manter os fóros, como cavalleiro destemido procurou trazel-a á prova de competencia com as mais gabadas linguas da Europa — e não fôram poucas, nem pouco viçosas as palmas que lhe ceifou a gloria no longo torneio. O Episodio de Velleda nos « Martyres » talvez faça inveja ao original; — a facilidade, com que varia os tons, e a alegria o estylo no conto de « Oberon » é um modello eterno para os que desejarem conhecer até onde chegam as posses desta lingua, que falsamente diziam má de ageitar-se ás ficções romanticas.

Desterrado ás margens do Sena, cuja onda turva e limosa lhe fazia redobrar a saudade do Tejo, o bom Philinto envelheceu de corpo sem envelhecer de espirito. Almejando a patria, saudando-a com amor, e apezar de maltractado requebrando-a sempre, ergueu-lhe entre estranhos um monumento digno della. Es-

quecidos no cemiterio estrangeiro os seus restos de certo estremeceram, quando um soldado portuguez proscripto e poeta como elle tambem, veiu ajoelhar-se sobre a relva antes de partir a beijar a areia sagrada do Mindello.

A sua Ode á Liberdade é inspirada por um coração, que gemia no exilio, vendo cerradas pela tyrannia as portas da patria. Nenhum nome famoso, nenhuma gloria nacional esqueceu á sua harpa. Amou a todas com egual fervor.

« Á patria sagrou tudo »

« Tudo sagrou a ingratos! »

cantava o pobre velho de outro como elle desditoso. Quem lhe diria que era a sua vida e a sua sina, que esculpia nas paginas eternas da historia?

Philinto para expurgar a lingua das fêzes, que lhe corrompiam a pureza, exaggerou a reacção puritana; e os seus defeitos são por isso excessos de virtude. O periodo que alatinou em transposições contrafeitas; a locução esmerilhada á custa de vocabulos obsoletos; e a construcção pezada corcovando a idéa (seja licita a frase) debaixo do pezo de expressões amaneiradas, revirando o estylo a torniquete, roubaram pela demasia á sua eschola grande parte dos fructos, que a deviam popularisar; despiram o seu talento das amenas graças que dá a imaginação fecunda, e da originalidade que sempre foge á rede de apanhar vocabulos, com que armam á correcção os copistas, ou os littores da lingua. A Francisco Manuel foi preciso nascer gigante para não se tornar pigmeu nesta fadiga de mineiro de vocabularios.

Entre tanto Philinto purificando a lingua com o preceito e com o exemplo, e punindo com rigor os barbaros que a polluiam em mascavadas versões, ou em aravias torpes, só originaes na dissolução da frase, fez ás letras patrias eminente serviço. Sem as suas obras, sem as gallas que nos restituiu, imprimindo novo cunho na antiga effigie, havia de custar mais á eschola romantica a desempégar a poesia do pantano immovel, aonde no occaso do talento, coaxavam as rans do Parnaso grasnando um dialecto inintelligivel. Ao seu exorço constante é devida a nacionalidade, que restaurou a nossa litteratura. Do sacrificio de mais de metade do seu genio talvez colhemos hoje a abundancia, que nos ensoberbece. Antes de Francisco Manuel a lingua de Camões, de Fr. Luiz de Sousa, e do padre Antonio Vieira, tinha perdido o timbre da sua pureza, a magestade do periodo, e a riqueza da frase. Estava pobre, mal-trapilha, e roida de ulceras gallicanas; — elle a levantou, e a fez opulenta e formosa, escavando até descubrir as joias perdidas, até nos entregar, a nós seus herdeiros, todas as riquezas do seu estudo.

« Os Martyres e Oberon, » dois generos novos em tudo vasados fóra dos moldes chamados classicos, evo-

caram diante das gerações modernas um mundo phantastico e variado, em que o maravilhoso se enlaça com idéas populares bebidas no leite da infancia; em que luctam a paixão com o dever; o homem intimo com a existencia allumiados pelo sentimento religioso e social. A fonte desta poesia tão verdadeira como profunda, tão vasta como original manou á voz do seculo, em que vivemos. No dia, em que Philinto pôz o ultimo verso na traducção dos Martyres escreveu-se o epithasio da Arcadia. Na hora, em que « Oberon » expelliu os favonios e as hamadryadas da lithurgia do Parnaso, florio na invenção do Sr. Garrett, D. Branca, a perola dos seus poemas!

Entre estas duas escholas, ambas incompletas, que sem o saber, demoliam a Arcadia, viu a luz o Sr. Garrett. A educação litteraria que aperfeiçoára, inclinava-o mais para o esquadrão pouco numeroso de Philinto. As côres dessa bandeira eram as côres de um reformador severo e inexoravel, que tinha ferido muito capricho melindroso, que tinha exautorado muita ignorancia atrevida; os vencidos não lhe perdoavam a derrota; e vingavam-se com epigrammas, com picadas de alfinete, dos golpes de massa com que o imitador de Wieland os confundira. Esposar esta causa, e chamar-lhe sua apezar dos Deuses, era um acto nobre, uma prova de genio desassombrado e senhor do seu futuro.

O Sr. Garrett alistou-se, pois, nas fileiras de Philinto, e senão copiou as exaggerações puritanas do mestre, aproveitou-se com gosto do immenso cabedal com que elle additára a lingua; e lavrando a mina apenas explorada em Oberon, soube ser o Prometheu, que dêsse vida e alma ás primeiras creações da Musa romantica.

O fundador da eschola moderna, repetimol-o, não representa só a individualidade de um poeta; como Goethe é uma litteratura inteira. — Nenhum genero o constringe; em todos está á vontade, e em todos infunde a vida popular, a profunda nacionalidade portugueza, scição proeminente do seu engenho. Pintor magico e creador parece mandar os invisiveis servos da lampada de Aladino. O pincel tão gracioso como facil ora pousa na tella as scenas do *Camões* e as figuras severas do *Catão*; ora desenha risonho os amores de *Branca*; ora repete triste os queixumes de *Adozinda*; ou se inspira com o palido rosto da *Maria* de Fr. *Luiz de Sousa*. O romance popular, a chácara, o drama, a comedia, o romance historico, a viagem, a historia, a lyrica, tudo póde, tudo ousa, e tudo vence. Apenas chegado ao meio da vida a sua carreira já resume a gloria de dez poetas. Que fructos raros não promete no amadurecer da edade quem na aurora se estreou na Tragedia com o *Catão*, e no poema nacional com *D. Branca*?

Ha pouco arrebatava-se Pariz diante de uma Tragedia como se houvessem resuscitado os triumphos de Racine ou de Voltaire. Esta peça era a « *Lucrecia* »

de Ponsard, moldada pelo busto em bronze, que Tito Livio nos deixou nas suas chronicas-poeticas da republica. O verso correcto, a frase conceituosa, a imagem sobria; e a par disto paixões vivas e não descompostas, ardentes porém velladas com o pudico véu da antiga Musa tragica deram a palma a Ponsard, e disseram ao drama, que as saturnaes do crime, dos affectos sensuaes, e do horror physico podem contra-fazer a arte, porém não a criam — arrastam um instante as multidões, porém não reinam. Houve quem acreditasse que se enterrára nessa noite a poesia nova — enganava-se. A victoria da « Lucrecia » não expressou mais do que a tendencia para formas menos licenciosas e para um gosto mais castigado e mais espiritualista.

O Sr. Garrett pagou tambem tributo á eschola romana escrevendo o *Catão*. O assumpto é um dos mais tragicos; não morre um cidadão, morre a patria. Quando em Utica o punhal descozia as entranhas de Catão era Roma, era a virtude quem desesperava do futuro. Ha entretanto n'este quadro um inconveniente invencivel para o interesse dramatico; desde o primeiro verso ninguem ignora qual será o desenlace. A suspensão não existe na realidade, e os actos em que se esparguica a acção nada mais são do que intervallos maiores ou menores, que separam o martyr do holocausto. Apenas se preferiu o nome de *Catão* e de *Utica* — disse-se tudo até ao espectador menos instruido. Restão as bellezas lyricas; o contorno das figuras; e a elegancia ou a pompa da metrificacão.

Racine, traçando *Britanicus*, e Voltaire aos oitenta annos creando o seu *Tancredo*, tinham muito mais recursos de que dispôr para enredar o drama, alargando os dominios da Arte. Em *Catão* para prender o interesse ha só o terror, a admiração, e a piedade. A catastrophe da liberdade domina tudo; e ao pé della quasi que até parece pequeno o maior dos homens — o ultimo dos romanos. Com esta difficuldade insuperavel tinha de lutar o poeta, e se não podia vencel-a, soube disfarçal-a. O objecto não o quiz acanhar, nem envilecer com amores inspidos como Addison. Fugio do escolho onde o tragico inglez naufragára; e em logar das lagrimas da mulher indignas dos derradeiros instantes de Roma, só deixou correr os prantos do pai sobre o cadaver do filho — ultima victima immolada á patria moribunda.

O prologo do *Catão* encerra os mais inspirados versos que ainda cantou á liberdade alma virgem de poeta. Deste portico admiravel, que dá toda a perspectiva do poema, a vista abraça de uma vez os grandes vultos, que encham a scena e a historia; olha Utica a abismar-se; sente morrer *Catão*, e com elle espirar Roma. A catastrophe é indicada em um traço, que a resume toda.

» Mas da patria infeliz o negro opprobrio, »
» Catão não o ha-de vêr, — morre primeiro. »

.....
» Vêl-o-heis tranquillo desafiar a sorte; »
» E ainda nos momentos derradeiros »
» Fazer no Solio estremecer tyrannos »
» Pasmar a terra e envergonhar os nunes. »

Eis o retrato de Bruto, desenhado logo depois. Toda a alma do sectario feroz vive na tela do poeta — sobre esta phisionomia, que enturvão sombrias suspeitas, já desce fumegando o ferrete do ingrato ou do parricida.

» Da malfadada Roma ultima esp'rança, »
» Bruto vereis tambem: n'alma agitada »
» Vêr-lhe-heis lutar co'a patria a natureza; »
» Mas a patria vencer. Odio implacavel, »
» Desesp'rado furor, que avexa essa alma »
» Lhe vem do coração bramar nos labios. »
» Um dia inda virá que o braço ardido, »
» Quebre de um golpe os ferros do universo. »

O *Catão* portuguez deve pouco a Addison; a quem deve muito é aos vinte annos do auctor e ao sangue juvenil que lhe pulava nas veias. Elle proprio confessa, que se compunha da vespóra muitas vezes o que se havia de ensaiar no dia seguinte. Nesta obra percebe-se o sabor dos classicos latinos; — dá logo nos olhos o reflexo das idéas de liberdade, que se tomão dos livros latinos; e transpira o gosto da eschola de Philinto no verso mais rijo, menos facil, e um tanto antiquado na frase. O auctor do *Catão* vê-se que não tirava se não a medo a vista dos seus traslados; e tinha o espelho tão perto, que raro deixa escapar um gesto livre sem o compôr ao vidro imitador.

Entretanto ha no *Catão* lances e discursos, em que Racine não duvidaria pôr o seu nome. A scena 1.^a e 2.^a do acto II; a 5.^a do mesmo acto. — As scenas 4.^a e 5.^a do IV acto; e todo o V offerecem quadros de verdadeira tragedia. Os caracteres se não são fieis á exacta historia, que hoje nos restituiu a erudição alemã, são fieis ás tradições poeticas de todos os seculos; e é demais para a verosimilhança dramatica. Manlio, Porcio, e Juba, vivem, distincção, e inspirão dôr e respeito a quem os vê firmes como derradeiras columnas postas de permeio á ruina de Roma. Da opposição destes caracteres, e da sua lucta com o destino em nome do dever se gera essa pouca suspensão tragica, que era possivel dar a um assumpto em que tudo é sabido do espectador.

O *Catão* não é uma obra perfeita. Ha nelle descuidos e lapsos, que á mão inexperiente escapão sempre no primeiro ensaio; as bellezas, porém, são pelo menos eguaes aos erros. Se a musa, por môça, uma e outra vez se desmente, as gallas que a revestem, tão portuguezas e ricas, obrigam-nos a amar até os defeitos do auctor.

Em quanto a lingua do Camões se não apagar o

Catóo não morrerá. Todo o coração que cega o amor da liberdade, ha-de arder como ardeo o do poeta — ha-de invocal-a como o derradeiro dos romanos, quando punindo em si crimes da patria, exclamou morrendo:

- » Oh Róma, oh Roma, oh minha patria, »
 » Já não ha mais que a vida — ei-la: recebe-a: »
 » Vamos, ao menos, juntos ao sepulchro. »

Foram! Roma republicana morrêra na Pharsalia, ou para melhor dizer, expirou no dia em que Sylla e Mario, soldados felizes, ligaram á sua espada a sorte da republica, e da sua vontade fizerão as leis do Lacio. Neste dia principiou a Roma Imperial, e precipitou-se a decadencia.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VI.

Nuvem e estrella.

(Continuado do n.º 7.)

Houve outra pausa então, em que ambos, com a vista no chão, se conservaram immoveis. D. Maria cortou-a de novo, dizendo:

— « Vou-me queixar de vós, cavalleiro. — A uma dama tractaes como inimiga? »

O mancebo tornou a córar da expressão doce com que lhe diziam estas palavras.

— « Inimiga? » murmurou elle.

— « Hospedaes então os amigos n'uma torre? » perguntou sorrindo.

— « São os paços onde moro. Se estaes nos aposentos da torre — é que os não tenho melhores aqui. »

— « Dizei-me, cavalleiro; sou livre ou estou captiva? . . . Não respondeis? Juro accusar-vos, desleal, aos mais bellos olhos de toda Hispanha. »

— « Sou condemnado então — replicou o mancebo, sorrindo tambem — se os vossos me não perdoam. »

— « Lisonjas e prizões, D. cavalleiro? »

— « Verdades e rogos por alguma bella dama . . . »

— « E meu irmão, que tão cara lhe custou a aventura! » proseguiu ella mudando de tom.

— « De quem foi a culpa, senhora? Á lança responde a espada. Talvez D. Martim cuidasse que não havia em Salzedas casa para receber uma dama de Lanhoso? »

— « E como entrava ella, cavalleiro? »

— « Como mulher de Gomes Lourenço — como da-

ma dos seus pensamentos — como senhora onde elle mandar. »

— « E cada passo para o altar a fazer-nos um accusador. O mundo a clamar . . . »

— « O mundo! . . . Só conheço o temor de Deus. »

— « Desarrazoas como um trovador. Com as maguas estaes peor que Gonçalo Hermiguez, o monge-cavalleiro. »

— « Ambos padecemos da mesma pena, senhora. A elle curou-o a cova. A mim . . . Deus sabe quem. »

E olhou-a com receio e esperanza. Ella sorriu. Oh, se o mancebo adivinhasse?!

— « E eu sei tambem ser Deus, cavalleiro. Mas o que daries vós se o coração de uma dama? . . . »

— « Tudo; mas não tenho que dar depois da vida, e essa . . . não é minha já. Mas o coração de que fallaes é frio como pedra. De que serve perguntar-lho? »

— « Julgou o vosso tanto tempo inimigo . . . »

— « Inimigo, eu! de mim, da honra do nome que tive. Quando disserem: — olha D. Gomes Lourenço, seu pai mataram-lho á traição, sua mãi morreu de dôr, e o fraco, o vil não teve uma lança que estalar no peito dos de Lanhoso! . . . O que ha-de responder o vosso inimigo, senhora? Mezes, annos sem erguer o braço! Porque soffre tudo isto como um escravo, como um villão?! Foi porque o sangue dos que eram meus inimigos me doia mais do que o meu . . . para poupar lagrimas a olhos . . . que as chorariam de alegria . . . se eu cahisse na sepultura! É verdade, Martim Paes. O montante do Espadeiro está nas mãos d'um mulher. — Hoje não ha em Portugal appellido mais infame do que o meu, o de Salzedas. O sangue dos Viegas acabou com o ultimo que se chamou do seu nome! . . . Chorai por elle, cavalleiros, que era um nome velho como as Hispanhas — e morreu, sepultou-se com o pai de Gomes Lourenço, o covarde! »

D. Maria percebeu que fôra imprudente escaldando aquella chaga. Mudando logo para outro assumpto, com os olhos baixos e a voz comovida, exclamou:

— « Pague-se agora a divida! . . . Aqui tendes uma de Lanhoso — mulher, como é, talvez baste . . . »

— « D. Maria Paes, os de Salzedas vingam-se como homens . . . ou não se vingam. Cala-te, orgulho antigo! . . . E' a tua bocca que o póde dizer, Gomes Lourenço? Covarde, que fizeste do nome dos Viegas? . . . murmurava o mancebo, soluçando. — Por compaixão não me deitem em rosto o que fui . . . Cavalleiro, menti ao meu juramento; Filho, reneguei o sangue de meu pai; irmão, vendi a herança de outro irmão; rico-homem, arrastei o pendão e manchei as armas de meus avós, para até os servos se rirem dellas! . . . Gomes Lourenço, era melhor amortalharte! . . . n'um mosteiro — ao menos as faces não te córavam diante dos escravos! »

E ao soltar estas palavras, quebradas na garganta pela ancia do peito, fechava o punho e media o aposento a passos largos. O semblante carregou-se de

amargura, e os olhos accenderam-se em terrivel chama. Parando de repente diante della, o mancebo, em tom prezo e rouco, exclamou:

— « Morreu tudo aqui, senhora. Diante de Deus, diante do meu sangue, na presença dos homens sou um traidor, que me vendi pelo teu amor, Maria... mas se me enganasses, se me enganasses! »

E tapou o rosto com as mãos, desatando a chorar como uma creança.

Só então conheceu bem ella o abysmo daquella alma — a dôr insoffrida da sua paixão. Quantos sacrificios se podem fazer todos o desgraçado cavalleiro tinha consummado por sua causa. Familia, odio, gloria, vingança, quanto o seu tempo estimava em mais, tudo o que por assim dizer temperava o espirito do guerreiro da meia idade, tudo lhe depozera aos pés. Um instante teve dôr daquelle delirio, e pela mente adejou uma idéa generosa. Foi um momento apenas. Veio logo o odio, veio atraz a soberba riscal-a para sempre, e gravar em sangue outro pensamento immutavel. E deram-lhe a força, e emprestaram-lhe a astucia, necessarias para continuar na scena de dissimulação que até alli representára.

— « E nunca a esperança de agradecerem sacrificios taes vos adoçou a magua? » — perguntou ella, illuminando-o com o raio de luz que faiscava dos olhos.

— « Nunca. O escravo chorou e ninguem lhe limpou as lagrimas. Talvez se rissem dellas ainda em cima! »

— « E se não rissem — e se dissessem: — Gomes Lourenço, outra alma houve que penou com a tua nesse martyrio — que chorou e padeceu contigo — e por mais d'uma vez, no fundo do coração, bradou tambem a Deus: — Senhor, quebrae-me estas prizões d'ouro, que ferem como ferro? »

— « Se mo dissessem, se fosse verdade... »

— « O que fazieis? »

— « Morria d'alegria aqui, como tenho morrido de dôr sempre; se houvesse... e o ouvisse da sua bocca; se o coração, batendo com o meu, o repetisse; se os olhos, ardendo em fogo, mo jurassem... »

— « Vós o que juraveis?... »

— « De joelhos, com as mãos postas, dizia: — por ti perdi o nome de meus avós e a honra da minha espada. O sangue de meu pai é uma nodoa no meu rosto — o unico irmão que tinha passará por mim como estranho — o mundo ha-de chamar-me vil, ha-de chamar-me tudo o que envergonha as faces e faz pular o coração de raiva — abençoada a hora em que fiquei assim, se tu me amas! Estrella, que nas trevas me deste a luz da esperança — por te seguir morri na flôr da vida — e bemdita sejas, que me salvaste! »

— « Amal-a-heis a ella só? »

— « Não se adora mais que um Deus. »

— « Oh Gomes Lourenço, tambem eu direi agora: — Por ti chorei em silencio trahindo a paixão

d'outro, tremendo de remorsos e de ciume — por ti esqueci pai, irmão e sangue — abençoado sejas, que enches de um amor immenso o logar que o affecto delles me deixou no coração!... tambem eu fico sem parentes e sem nome. »

E proferindo estas vozes, D. Maria derramava sobre elle o fogo dos olhos pretos em que parecia revelar-se o delirio do mais ardente paixão.

O mancebo ajoelhou, exclamando: — « Oh Maria, Maria, porque me não disseste isto senão agora? »

E julgava-se tão feliz, que alli queria morrer de alegria aos pés da primeira, da unica esperança que lhe deixavam colher ao cabo de tantos padecimentos.

E ambos assim, largo tempo sem fallar, estiveram a vêr-se, a beber com olhos, a doce alegria daquelle instante. Elle de joelhos; — ella, sorrindo, amorosa, meiga, como em sonhos o mancebo a vira estender-lhe a mão, e enxugar-lhe o pranto.

Por fim D. Maria, erguendo-o e pousando-lhe a mão no hombro com doçura:

— « Agora, que sois o meu cavalleiro, disse ella, quero pedir-vos um dom. — Concedeis-mo? »

— « Que te hei-de eu negar, Maria? »

— « Nas horas em que rogava a Deus que nos acabasse este martyrio, fiz voto de atar a nossa alliança em Santa Olaia, sobre o tumulo de minha mãe. Aquella que tantas vezes me embalou ao peito, e, ainda creança, me deixou, quero que abençoe do céu este amor, que tão triste nasceu e chegou aqui. »

Uma nuvem se estendeu de repente pelo rosto de Gomes Lourenço.

— « É tão pouco! respondeu elle. Não hei-de ter segredos para ti, Maria: não sei o que me diz o coração... Sinto que me espera lá desgraça grande. »

— « E' a alma de Inigo Lopes? » acudiu ella, rindo.

— « Não; quem sabe o que é? Pelo amor do céu, Maria, escolhe outro sitio. — Não agoures estes amores com a sina do castello maldito. »

— « Que visões! »

— « Talvez — e são. Mas o segundo casamento de meu pai fez-se lá. Alta noite, no dia do noivado, cobriu-se de lucto a armadura de Inigo Lopes. A haste do pendão de Salzedas quebrou, e não assoprava aragem de vento. A essa hora sonhou meu pai que o enterravam alli mesmo com cervilheira e espada... e — tremo de o lembrar! — alli se enterrou, no mesmo dia, quasi á mesma hora, passado um anno. »

— « Acaso! E o meu voto? »

— « Queres?... cumpra-se, e Deus seja connosco. »

— « Amen! E's um leal cavalleiro. Quando partimos? »

— « Em tu dizendo. »

— « Logo? »

— « Já. »

E duas horas depois sahia da honra de Avellans a rica-dona de Lanhoso com Gomes Lourenço. Ella com o seu falcão no punho, esbelta no fogoso coreel, que

escarvava o chão, mordendo o freio. Elle, procurando espaiar o mau presentimento, montado na possante « mula do corpo », sem armas, e só com a espada sobre o saio. Poucos homens d'armas o seguiam. Dentro em pouco os atalaia perderam-nos de vista no meio d'um rolo de poeira.

Sobre a madrugada, um cavallo a toda a carreira galgou a empinada encosta, e o som da buzina, puxado com ancia, accordou os echos. O villico chegou ás ameias.

— D. Gomes Lourenço? » perguntaram de fóra.

— « Sabiu sobre o cahir da tarde. »

— « Só? »

— « Quem é, que tanto pergunta? »

— « D. Egas, seu irmão. Foi só? »

— « Levou D. Maria Paes a Santa Olaia. »

— « Abri então. Perdi a jornada. »

Os alçapões ferrados rangeram; a levadiça cahiu; e pelo portal de volta baixa entrou o cavalleiro ao clarão dos fachos.

CAPITULO VII.

O castello de Santa Olaia.

Em quanto Gomes Lourenço ao lado de Maria Paes, refreando o fogoso corsel, se distrahe das idéas tristes, chegaram a Santa Olaia D. Martim, e pouco depois o monge de Cister. O castello tinha a voz de elrei, e o alcaide D. Nuno, amigo e parente do rico-homem de Lanhoso, recebendo-o, ouvia a historia do rapto commettido em Avellans pelo mais moço dos Viegas.

O castello de Santa Olaia já então não era a sentinella de Coimbra, levantada no alto para annunciar as corridas dos arabes. Diante do braço victorioso de Affonso Henriques, os esquadrões do Islam recuando de Leiria até Santarem abrigaram-se, por fim, á sombra dos muros de Lisboa, aonde se pelejou a batalha em que perderam, com a sultana do Tejo, as ferteis varzeas da Estremadura.

Desde esse dia Coimbra despiu a couraça, e de guerreira tornou-se cortezã. Já não carecia d'enganar o somno, recostada ao escudo; nem de afiar o ouvido, no silencio da noite, para da erguida atalaia tocar o rebate. Ao castello de Santa Olaia, seu companheiro d'armas, foi igualmente livre, então, depôr a lança e respirar da lucta de meio seculo. Deixára de ser o gladiador prompto a aparar as primeiras frechas despedidas ao peito da rainha da Beira. As iras dos mouros, accesas no intento de, por cima do seu cadaver, baterem ás portas da Almedina, amortecidas com o tempo, e pelos acontecimentos da guerra, nem o podiam sequer ameaçar. Quebradas pelos revezes tinham-se trocado no desalento, que precede as derrotas.

O arabe, escravo do destino, curvando a frente,

submettia-se resignado. Depressa reconheceu que nunca mais, envolto no albornoz, dormirá á sombra dos pomares, acalentado pelo Mondego, que a briza empola. O sol do imperio de Tarik, apagando-se no occaso, só um ou outro raio podia golpear mais puro; porque as trevas da agonia principiavam para elle. Descendo ao tumulo, ainda vivo, ouvia ranger a campã, em que a historia, gravando um nome illustre e uma grande lição, legava o exemplo e a herança do futuro.

Na terra consagrada, em que o rei soldado descansou de oitenta annos de fadigas, acabava de se erguer o reino portuguez. O leão do occidente, filho do oceano e da guerra, como Alexandre, estava fadado para devassar pela gloria á Europa os mares e as regiões além do mysterioso Indo. — A America, mundo balbuciente, e irmã mais nova do antigo, alli esperava desde seculos a hora em que o dedo de Deus, arrancando-a á solidão moral, a arremessasse ainda virgem pela estrada do progredir humano!

Os tempos, correndo sobre o castello de Santa Olaia, crestaram as pedras. As raças conquistadoras, succedendo-se, estamparam-lhe na frente, cada uma a sua pagina; mas o odio civil, mais feroz, não se pejou de destruir o que ellas poupavam. Muito antes do conde Henrique vinganças de familias poderosas deslocaram as quadrellas, e demoliram as torres, que nem o temporal dos annos, nem as devastações dos barbaros tinham prostrado! O incendio acabou o resto; e o monumento que assistira de pé á marcha triumphal das cohortes romanas e das tribus do norte; que não vacillava ao embater dos cavalleiros d'África nas hostes godas, succumbiu em uma noite, victima d'obsuro encontro.

Aonde os rosas em latadas enramavam viçosas ruas, heras, cardos, e arbustos sylvestres, eriçando-se, apregoavam a loucura das vaidades do homem. A asolação, assentada nos vergeis em que o mouro cantou o Eden, pelo silencio das ruínas ensinava, que prazeres e belleza o sol os abre, e a noite os leva.

Foi no remanso da paz, cu na pausa breve da tenda de guerra, que Affonso Henriques tornou a coroar d'ameias o arremessado monte, aonde o alcacer campeava. — No tempo em que passa esta historia, as cearas ondeavam, os pomares recendiam, e as noras gemedoras mostravam que a vida de novo volvêra a visitar aquelles sitios. As casas, antes raras e aninhadas ao abrigo das torres, sem temor se penduravam já pela encosta ingreme. Com a guerra fugiram os receios. As chammas ateadas pelas correrias nunca mais hão-de morder, em espiras rôxas, a loura cabeça das paveias, nem enroscar-se pelas vigas de castanho dos tectos, em quanto ac perto e ao longe os anafis do arabe entoam, ferros d'alegria, o hymno das ruínas.

Esses dias de lucto passaram, para não voltar... só se pôr na dextra, pezada de crimes, da lucta civil!

Entre tanto, arrazando tudo, a raiva dos homens e a furia do incendio, tinham respeitado uma antiga torre, preta como a face do ethiope, scintillando pelos dois oculos rasgados na testa o luzeiro vivo que, na escuridão, fulgia como os olhos reluzentes de um demonio. Quem amassára o cimento que lhe unia as juncturas? Que segredo lançou nesses cantos de rochedos desiguaes o architecto, para os não corroer o halito dos seculos? Aonde estava a sciencia capaz de soletrar naquella folha de pedra o pensamento da geração que escrevêra as primeiras linhas? — Em roda tudo cahira; porque mysterio só ella, salva da espada, dos seculos e do fogo, sobrevivia, elevando a negra fronte que topetava com as nuvens, de cima das quaes a aguia a contemplava, arfando as azas! Os andares achatados e massudos, subindo, estreitavam-se para rematarem no eirado, aonde se abria em circulo a bocca da escada interior. Por baixo do chão, nas entranhas da rocha, giravam corredores e salas. Era lá que a superstição do povo collocava a scena das maravilhosas lendas da sua mythologia; porque, na realidade, sobre aquella torre, que o vulgo appellidava *maldita*, nas horas de tempestade parecia alçar-se o spectro *gigante* do primeiro homicida. Os monges, por isso, ou por outra razão hoje desconhecida, deram-lhe o nome de *torre de Cain*.

O mais estremado cavalleiro, ao passar perto della, no breve espaço que foge entre o ultimo raio de sol e o apertar das sombras, olhando as estrellas tremulas, invocava a Virgem, que ellas corôam de gloria immarcessivel. — De noite, fóra de horas, os agulheiros das abobadas subterraneas accendiam-se n'um clarão livido, transudando harmonias de harpas, melodias de canticos, pragas e rizos, como os que se ouvem á mesa de festim dissolutos. Quem víra, quem escutára? Ninguém! Mas dizia-se, era voz do povo.

Asseguravam mais, que em certos dias os senhores e seus convivas, ha tantos seculos enterrados, sahiam da cova, e despiando os sudarios, por minutos atavam o fio da vida, espantando o inferno com as imagens d'antigos crimes.

No anno de 1211, e na tarde em que estamos, a torre de «Cain» foi com tudo visitada por hospedes, que nada tinham de sobrenatural. — A grade de ferro da ermida, que não se abria ha quarenta annos, ranguu nos enferrujados gonzos; e a claridade baça do lampadario de bronze, estremeçada bateu nos corpos d'armas, capellos e pendões, de feiito desusado, pendurados das columnas. Outra vez pés de homem e tinir d'esporas soaram nos degraus partidos da escada, enredados de hervas e musgos. Breves instantes, no terraço, bojando curvo de ruinas para o tecto da sala, se divisaram dois cavalleiros e um monge, que, depois de mirarem em volta, e sobre tudo para a parte de Coimbra, voltaram á igreja, continuando a conversação principiada lá em cima.

Ao entrar na ermida, esperava-os, entre portas,

um homem de robusta estatura. Vestia loriga tecida de tiras de couro, e por cima são branco e vermelho, côres do solar de Lanhoso. O casco de ferro liso carregava nas sobranças hirsutas. As barbas e cabellos, de ruivo agudo, erisçados como a juba do leão, encrespavam-se asperos sobre o peito e pelos hombros. Os olhos, pequenos e sumidos, luziam com brilho esverdeado. Encostando-se deleixadamente ao cabo de um machado, que lampejava em veios azuferretes como as boas folhas de Damasco, ergueu a cabeça quando Martim Paes chegou, e boliu os beiços; porém a um aceno deste, volveu á primeira postura e ficou immovel.

(Continua.)

POESIA.

O CANTO DO CRUZADO.

Sou guerreiro da cruzada,
Tenho lança, tenho espada,
Tenho esporas e broquel,
Tenho cota e capacete;
Montado no meu ginete,
Vou-me a vêr esse infiel.

Tenho torres e castellos,
Vassallos e pagens bellos
Nas terras do meu paiz,
Tenho joias, tenho ouro;
Mas de batalhar c'o mouro
Aos sanctos promessa fiz.

Prometti á minha dama
Da raça vil da mourama
Trezentas fronte cortar;
E ella, isenta e arisca,
Por cada fronte mourisca
Prometteu-me um beijo dar.

Corre, meu corcel ligeiro,
E tu, meu nobre escudeiro,
Sobraça o meu bandolim;
Que em prol de tão linda paga
Vou cruzar a minha adaga
C'o alfange de Saladim.

Adeus, torneios e justas,
Lá nas muralhas vetustas
Do castello de meus paes.
P'ra aqui trazer uma lança,
Empenhei ao rei de França
Os meus direitos feudaes.

Chegou a desgraça ao cumulo,
Que o infiel guarda o tumulo
De Christo em Jerusalem.
Mas á voz de Pedro o er'mita,
O mundo todo se agita,
O mundo todo aqui vem.

Guerra aos filhos de Mafoma,
Que a prêga o Papa de Roma,
Guerra, guerra sem perdão.
Para nós todo o seu ouro
Suas joias e o thesouro
Do lenho da redempção.

Havemos de resgata-lo . . .
Corre ávante, meu cavallo,
Que hoje has-de ter trato bom;
Que ao reflexo do céu rubro
No seu campo já descubro
Godofredo de Buillon.

Vejo ao longe, qual sudario,
Alvo o manto do templario,
Que sustem vermelha cruz;
Vejo mil diversas tendas,
De mil hostes estupendas
Vejo o aço que reluz.

Vejo os elmos do Germano,
Do Francez e do Britano,
Burgonhão e Provençal.
Vejo aqui todo o occidente
Transbordar, como a torrente,
Nos confins d'este areal.

Desses mares na grandeza,
Mil galeras de Veneza
Se encaminham para aqui,
Cada náu lança apressada
Cem guerreiros da cruzada
Nestas praias do rubi.

Nestes rubros horisontes
Não serpeiam junto aos montes
Mansos rios de cristal.
Mas ha veias de diamantes
Que reluzem deslumbrantes
Nas arêas de coral.

Não vou vêr em doces prades
Os castellos encantados
De formosa castellan;
Nem as torres com ameias
De setteiras todas cheias
Até junto á barbacan.

Vejo só varseas inteiras
D'areal e de palmeiras,
Sem alvergue nem solar.
Vejo ao longe o Sarraceno,
Maldizendo o Nazareno,
Rédea sólta, a galopar.

Traz de purpura um turbante,
Onde um rubido diamante
Como os olhos lhe reluz . . .
Nos confins d'este deserto
Vão a vêr-se em campo aberto
O crescente e mais a cruz.

Treme, treme, ó Palestina . . .
Meu corcel, sacode a crina,
Que já estamos no arraial.
Quem vem lá: — uma voz brada —
Sou guerreiro da cruzada
Cavalleiro provençal.

A. DE SERPA.

THEATRO DE D. MARIA II.

O ALCAIDE DE FARO.

Depois de um grande numero de traducções, mais ou menos imperfeitas, mas todas ellas em geral pouco dignas de um Theatro Normal, subiu em fim á scena um Drama original; um Drama verdadeiramente portuguez, do Sr. Cascaes.

O *Alcaide de Faro* é um Drama aparatoso, e muito cheio, sobre tudo no quarto acto, de effeitos scenicos, dos que produzem sensações nas nossas plateias: o grande concurso, e os muitos applausos com que tem sido recebido, provam irrecusavelmente que o publico sabe fazer justiça ás cousas da nossa terra.

A sociedade dos actores esmerou-se em dar á peça do Sr. Cascaes todo o realce de que ella é susceptivel, já com o apropriado do vestuario, já com o luxo do scenario: todos os esforços porém deste genero tem o seu justo premio. Este Drama é um daquelles, que restituem aos theatros largamente as despezas que com elles se fazem.

Esperamos que o Sr. Cascaes não páre na sua carreira dramatica, e que continue a enriquecer a nossa scena com as suas producções.